

JOSÉ J. VEIGA

Sombras de reis barbudos

Romance



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by herdeiro de José J. Veiga

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Agradecemos a Gregorio Dantas pelas Sugestões de leitura sobre o autor.

Capa

Kiko Farkas e André Kavakama/ Máquina Estúdio

Ilustração de capa

Deco Farkas

Foto do autor

DR/ Arquivo pessoal da família

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem da imagem publicada neste livro, porém isso não foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes caso se manifestem.

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Luciane Helena Gomide

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Veiga, José J.

Sombras de reis barbudos: romance / José J. Veiga. — 1ª ed.
— São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2627-9

1. Romance brasileiro I. Título.

15-05954

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance: Literatura brasileira

869.3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio — Luiz Roncari, 9

1. A chegada, 21
2. Um homem correndo, 27
3. A partida, 33
4. Muros muros muros, 41
5. Cruzeiros horizontais, 49
6. Pausa para um mágico, 64
7. O caderno proibido, 88
8. Cavalos na chuva, 104
9. Das profundezas do céu, 124

Sugestões de leitura, 145

Sobre o autor, 149

1. A chegada

Está bem, mãe. Vou fazer a sua vontade. Vou escrever a história do que aconteceu aqui desde a chegada de tio Baltazar. Sei que esse pedido insistente é um truque para me prender em casa, a senhora acha perigoso eu ficar andando por aí mesmo hoje, quando os fiscais já não fiscalizam com tanto rigor. Talvez seja mesmo uma boa maneira de passar o tempo, já estou cansado de bater pernas pelos lugares de sempre e só ver essa tristeza de casas vazias, janelas e portas batendo ao vento, mato crescendo nos pátios antes tão bem tratados, lagartixas passeando atrevidas até em cima dos móveis, gambás fazendo ninho nos fogões apagados, se vingando do tempo em que corriam perigo até no fundo dos quintais.

Pensei que ia ser fácil escrever a nossa história, estando os acontecimentos ainda vivos na minha lembrança. Mas foi só eu me sentar aqui, pegar o lápis e o caderno, e ficar parado sem saber como começar. Mamãe diz que não vai ler os meus escritos porque não tem cabeça para leitura e também porque já sabe tudo melhor do que eu. Está claro que é mais um truque para

me deixar à vontade. Ela é esperta, pensa em tudo. Preciso ter muito cuidado para não deixar o caderno esquecido por aí, principalmente se eu resolver falar no meu procedimento em casa de tio Baltazar.

Será que eu estaria aqui escrevendo se tio Baltazar não tivesse vindo para cá com a ideia de fundar a Companhia? Não estou pensando que a culpa foi dele; a ideia era boa e entusiasinou todo mundo. Mas a história que vou contar começa mesmo é com a chegada de tio Baltazar. Quem podia imaginar naquele tempo de alegria e festa que um sonho tão bonito ia degenerar nessa calamitosa Companhia Melhoramentos de Taitara? Pobre tio Baltazar, como estaria sofrendo se ainda vivesse. Acho que foi pensando no sofrimento dele que mamãe não chorou muito quando finalmente recebemos a notícia.

Eu tinha onze anos quando tio Baltazar chegou da primeira vez. Estava casado de novo, mas veio sozinho e com fama de muito rico. Relembrando aqueles tempos, meu pai me disse que depois de alguns dias aqui tio Baltazar pensou em desistir da Companhia e voltar. Agora eu pergunto de novo: se ele tivesse voltado naquela ocasião, será que ainda estaria vivo? E se ele não tivesse fundado a Companhia, será que teríamos passado por tudo o que passamos? Mas perguntar essas coisas agora é o mesmo que dizer que se o bezerro da vizinha não tivesse morrido ainda estaria vivo. Estou aqui para falar do que aconteceu, e não do que deixou de acontecer.

Tio Baltazar. Um nome, a fama, muitas fotografias — assim era que eu o conhecia. Parece que ele achava absolutamente necessário a pessoa tirar retrato todo mês, ou toda semana. Frequentemente mamãe recebia uma fotografia dele tirada em estúdio de retratista ou ao ar livre por algum amigo.

Lembro-me especialmente de uma, tirada ao volante de um lustroso carro esporte que os entendidos aqui diziam ser de fabricação italiana e muito caro: tio Baltazar aparecia com o braço esquerdo descansando na porta do carro, o cabelo repartido no meio, camisa de gola aberta dobrada sobre o paletó xadrez igual aos que os artistas de cinema estavam usando, piteira com cigarro na boca, sorriso de rico no rosto simpático. Essa fotografia, com dedicatória para mamãe, fez o maior sucesso entre nossos amigos, além de vê-la muitos queriam mostrar a outros. Entre zelosa e vaidosa, mamãe emprestava; mas se a pessoa demorava a devolver, eu recebia a missão de ir buscá-la, um documento daquela importância não podia passar muito tempo em mãos profanas.

Se estou aqui para contar a verdade não posso esconder o meu desapontamento quando vi tio Baltazar descendo do carro em nossa porta. No primeiro momento pensei que fosse outra pessoa, um amigo ou empregado. O cabelo era bem mais ralo e não estava mais repartido ao meio, acho que porque essa moda já tinha passado. E o rosto não era tão moço como o das fotografias. Mas o que me decepcionou mesmo, até me assustou, foi a falta de um braço. Onde estava o braço esquerdo que descansava na porta do carro na fotografia famosa? Vendo-o sair do carro ajudado pelo chofer, a manga vazia do paletó metida no bolso, a bela imagem de um tio campeão em muitos esportes virou fumaça ali mesmo. Eu já tinha visto pessoas sem perna, sem braço, sem mão, até um homem sem nariz eu vi de joelhos ao meu lado na igreja na Semana Santa: mas não eram meus tios. Fiquei tão decepcionado que fui me esconder no porão e nem apareci para o jantar. É difícil entender, mas pensando no meu procedimento naquele dia parece que eu acusava tio Baltazar de ter cortado o braço só para me humilhar diante de meus amigos.

Mas ninguém se preocupou muito com a minha falta, só ouvi mamãe me chamar uma vez; e eu mesmo fui ficando curioso de saber o motivo do desinteresse por mim. Se a minha falta não era notada, então alguma coisa muito importante devia estar acontecendo lá em cima enquanto eu fazia papel de morcego escondido no escuro. Resolvi sair antes que ficasse mais difícil.

Primeiro passei na cozinha para comer alguma coisa enquanto estudava a maneira de me mostrar na sala. Eu estava mexendo nas panelas quando mamãe apareceu para providenciar mais café e me apanhou de surpresa.

— Com efeito, Lu — ela disse em tom de quem não está ligando muito. — Seu tio chega e você some. Será que o farrancho na rua não podia esperar?

Ainda bem que ela pensava que tinha sido o farrancho. Eu já estava achando que era bobagem fugir de tio Baltazar só por causa da falta de um braço. Então quem perde uma perna ou um braço deixa de ser gente? E aquele detetive aleijado que eu vi no cinema derrotando na briga uma porção de bandidos perfeitos? Pena que eu não tivesse me lembrado desse filme antes.

Mamãe estava me olhando, e eu vi que ela sabia a verdade. Mas em vez de me censurar, ela alisou o meu cabelo e disse:

— Coma qualquer coisa e venha falar com ele. Ele tem uma surpresa para você, está ansioso por saber se você vai gostar. Eu vou dizer que você teve reunião na escola.

Comi depressa, nem toquei na sobremesa. Entrei na sala ainda limpando a boca.

— Finalmente chegou o estudioso — disse tio Baltazar descansando o charuto no cinzeiro. — Venha aqui para eu ver você de perto. Mas é a cara do avô, hein, Vi? Nunca vi parecer tanto. Como vai na escola? Boas notas? Estude bastante, mas não se esqueça de brincar também. Quem só estuda e não brinca fica magro e com aquela cara antipática de gênio, e nós não queremos isso na família. Não é, Horácio?

A pergunta foi dirigida a meu pai, que fumava calado num canto da mesa. E antes que ele tomasse providência para responder, tio Baltazar continuou, tirando um embrulhinho estreito do bolso:

— Eu trouxe isto para você. Veja se gosta.

Mamãe fez sinal para eu abrir o embrulho, meu pai continuava fumando e fazendo força para mostrar indiferença. (Eu ainda não sabia de certas coisas entre meu pai e tio Baltazar.) Retirado o papel, apareceu uma caixinha preta com trinco na tampa. Abri a caixa e não acreditei. Dentro tinha um relógio dourado com pulseira dourada deitadinho num berço de veludo, relógio de verdade.

Experimentamos o relógio no meu pulso, tio Baltazar me ensinou a graduar o tamanho da pulseira, ficou frouxa mesmo na gradação menor. Mamãe ia dizendo que eu esperasse uns dois meses ou três — eu não quis ouvir, disse que estava bom assim mesmo e me afastei, com medo que me tirassem o relógio. Até meu pai, que parecia longe de tudo, riu e disse que duvidava que eu tivesse paciência para esperar dois ou três meses.

Olhando o relógio em meu pulso, ou sentindo o peso dele quando abaixava o braço, eu achava que alguma coisa não estava certa, um objeto tão valioso não podia ser meu de verdade, uma desconfiança que durou muitos dias. Mas desde o momento em que tio Baltazar colocou o relógio em meu pulso eu esqueci que ele era aleijado. Quando ele descansou o relógio na mesa e trabalhou com uma mão só para encurtar a pulseira, ele estava era mostrando a facilidade de se fazer esse trabalho.

Mamãe ficou desapontada quando soube que tio Baltazar tinha alugado quartos no Grande Hotel Síria e Líbano e não ia se hospedar em nossa casa. Mas quase todo dia ele vinha almoçar ou jantar, e nos domingos me levava para passear de automóvel, eu ia sozinho porque mamãe foi uma vez e enjoou e meu

pai nunca podia ir, quando não estava cansado, estava com dor de cabeça ou tinha alguma visita a fazer, acho que nem uma vez ele entrou naquele carro.

Um dia tio Baltazar viajou para buscar tia Dulce, e a segunda chegada foi outra festa ainda melhor, porque durou muitos anos.

2. Um homem correndo

É curioso como certas coisas vão acontecendo em volta da gente sem a gente perceber, e quando vê já estão aí firmes e antigas. Depois mudam, do mesmo jeito manso. Não me passava pela cabeça que alguém pudesse não gostar de tio Baltazar. Se aparecesse uma pessoa dizendo isso, para mim seria a maior surpresa do mundo. Pois eu tive essa surpresa, e aqui em casa mesmo.

Primeiro eu pensava que meu pai fosse muito amigo de tio Baltazar, não notava que quando mamãe falava no irmão com entusiasmo meu pai ficava calado ou saía de perto. A bomba estourou na minha cara um dia quando mamãe falava em tio Baltazar na mesa e meu pai tomava café calado. De repente meu pai empurra a xícara e diz:

— Chega, Vi. Já sei que ele é a Oitava Maravilha.

Dizendo isso meu pai se levanta e sai da sala.

— Não sei por que seu pai implica tanto com Baltazar — diz mamãe desapontada. Depois se arrepende e conserta: — Ah, bobagem minha. Seu pai deve estar nervoso por outro motivo.

Passsei a observar, e notei que não havia só implicância da parte de meu pai, mas uma birra mal disfarçada. Agora de sobrevivo, fui notando outras coisas mais: mamãe não se abria muito em agrados com tia Dulce; tio Baltazar fingia que não notava nem a má vontade de meu pai com ele nem a antipatia de mamãe com tia Dulce.

Eu já tinha me acostumado com as antipatias de meus pais, e adotado umas regras para não agravá-las, quando de repente a situação muda de água para vinho. Como foi, eu não sei direito. Só sei que houve um briga no cartório, tio Baltazar discutiu com o escrivão e só não bateu nele porque correu gente para separar. Depois dessa briga tio Baltazar e meu pai ficaram muito amigos, formavam uma espécie de corda e caçamba, até pescaria faziam juntos, meu pai preparando os anzóis.

Mamãe ficou feliz com a amizade, elogiava tio Baltazar sem constrangimento, meu pai apoiava e completava, um dia ele disse na minha frente que tio Baltazar era homem de muita fibra e muita visão, esquecido de quando torcia o nariz a tudo quanto mamãe dizia. Depois fiquei sabendo que a briga no cartório tinha sido em defesa de meu pai. Mas a mudança não beneficiou tia Dulce; ela continuou discretamente vetada por mamãe.

Quando tio Baltazar começou a falar no projeto da Companhia meu pai se mudou para as nuvens. Quem o visse explicando o assunto e rebatendo críticas era capaz de pensar que a ideia era dele. Muitas vezes vi o próprio tio Baltazar jogar água fria no entusiasmo de meu pai e ser contestado com a maior energia.

Pelas conversas aqui em casa fiquei sabendo que a grande dificuldade era o capital, assunto que não interessava a meu pai: para ele bastavam entusiasmo e fé. Tio Baltazar concordava, dizia que sem esses dois ingredientes não se podia nem fincar a

primeira estaca; mas perguntava como era que eles iam sustentar a empresa até ela se firmar, como iam pagar os empregados, os fornecedores e outras despesas mais que não podiam ser previstas. O dinheiro que ele tinha não chegava, a não ser para uma fabriquinha que podia ficar aí morrinhando durante muito tempo, se endividando dia a dia, sem proveito para ninguém.

— Dá-se um jeito — repetia meu pai. — O que é preciso é começar. O resto se resolve com entusiasmo e fé.

— Esse jeito só pode ser dado com capital ou com crédito, que é a mesma coisa — ouvi tio Baltazar explicar um dia. — Quando eu tiver capital suficiente ou crédito garantido, começaremos. Antes é arriscado.

Mas tio Baltazar não ficava parado esperando o capital cair do céu. Ele escrevia e recebia muitas cartas, e já era apontado na rua como “O Homem da Companhia”. E deu também para viajar muito, às vezes para longe, às vezes para perto, sempre levando uma pasta recheada de papéis.

Meu pai dizia que ele estava perdendo tempo em viagens e conversas com gente que não entendia um fiapo do assunto, em vez de começar logo a construção da fábrica.

Quando tio Baltazar viajava mamãe me mandava fazer companhia a tia Dulce, eu gostava porque eles agora moravam numa casa enorme, lá eu dormia em um quarto com tapete, espelho e cortinas e roupa de cama ainda cheirando a loja, e toda noite tia Dulce me contava histórias de tio Baltazar e das viagens que eles tinham feito juntos, tudo provado com fotografias que enchiam uma caixa grandinha de madeira envernizada.

Então começou aquela romaria de gente de fora, uns homens muito prosas no vestir e no falar. Eles se hospedavam no Hotel Síria e Líbano por conta de tio Baltazar, tratavam a gente

como se fôssemos índios ou matutos (meu pai vivia encrespando com eles por causa disso) e reclamavam dos quartos, da comida, da poeira, como se fossem reis acostumados com o bom e o melhor. E quando estavam com tio Baltazar punham em dúvida os papéis que ele mostrava, faziam perguntas que ele não sabia responder e iam embora sem resolver nada. Tio Baltazar ficava desanimado uns dias, depois ia reconhecendo que os homens tinham razão, os planos não estavam amadurecidos; de repente erguia a crista e começava tudo de novo. Meu pai dizia que tio Baltazar estava sendo bobo em gastar o pouco dinheiro do capital com aqueles espertalhões que só vinham aqui para comer de graça e ir embora palitando os dentes e rindo por dentro.

Quando eu mesmo já estava achando que os planos da tal Companhia nunca iam sair do papel, chegou aquele velhinho simpático e muito educado, dr. Marcondes, chegou com o filho num Chevrolet azul novinho e foi um sucesso, porque antes a gente aqui só conhecia carro preto. Enquanto dr. Marcondes conversava o assunto da Companhia com tio Baltazar, o filho me levava para passear no carro. Em simpatia o filho era igual ao pai, e mesmo escaldado de tanta decepção com gente de fora eu gostei logo desse rapaz. Chamava-se Felipe, e tinha mania de tirar retrato de tudo, até casa velha e muro caindo serviam de assunto. Felipe me ensinou a manejar a máquina para eu tirar retrato dele encostado em parede velha, em esquina de sobrados, no portal de pedra da igreja, debruçado na ponte olhando para baixo, nadando no rio, pescando. E quando íamos passear no campo Felipe queria saber o nome das árvores, de flores, de pássaros, de todo bicho que aparecesse, até besourinhos sem importância interessavam.

Felipe falava engraçado. Para ele o que era bom demais era ímpar, o que era ruim era abominável, o feio era hediondo, o bonito era refinado, essas palavras que a gente só encontra em

livro de escritor importante. Em pouco tempo a meninada aqui estava falando como ele, as pessoas mais velhas achavam graça e diziam que antes aprender isso do que outras coisas.

Enquanto dr. Marcondes esteve aqui tio Baltazar quase não tinha tempo de nos visitar, quando aparecia era correndo, só para dizer bom-dia ou boa-tarde, nem esperava um café, não podia deixar dr. Marcondes esperando. Meu pai aproveitava essas rápidas visitas para recomendar esperteza e lembrar que, quanto mais simpáticos são esses homens de fora, mais perigosos, como se ele soubesse tudo sobre negócios e tio Baltazar não soubesse nada.

Quando dr. Marcondes finalmente disse que precisava voltar para consultar seus sócios, tio Baltazar organizou um bota-fora como nunca tínhamos visto, contratou todos os carros da cidade, até caminhões enfeitados entraram na caravana. Na hora da despedida na encruzilhada Felipe tirou a máquina de retrato do ombro dele e pendurou no meu, eu fiquei sem ação, querendo não aceitar, ele disse que não precisava dela porque ia ganhar um aparelho de filmar, coisa ímpar e refinada, já tinha até escolhido o modelo num catálogo. Amigo ímpar aquele Felipe.

O assunto entrou novamente num marasmo. Tio Baltazar queixou-se de muito cansaço e foi passar férias com tia Dulce na fazenda de um amigo na mata da Canastra, e parecia que não voltavam mais. Meu pai já dizia que tio Baltazar tinha sido engambelado outra vez, e que era bem feito para ele deixar de ser ingênuo.

Seria possível que dr. Marcondes e o filho tão simpático não passavam mesmo de dois aproveitadores sem escrúpulos? Mas e a máquina de retrato dada sem eu pedir? E o pedido de dr. Marcondes a tio Baltazar — “quero que o senhor descubra para mim um sítio aqui perto com bastantes jabuticabeiras para eu

descansar uns dois ou três meses durante o ano, não aguento mais a vida de cidade grande” — não passava de encenação? Eu estava ficando tão decepcionado que até evitava pegar na máquina de retrato para não me lembrar de Felipe nem do pai.

De repente tudo acontecendo concatenado. Primeiro chegou tio Baltazar gordo e corado, contando histórias de caçadas e banhos de cachoeira e dizendo que tinha remoçado uns dez anos. Depois foram chegando uns homens mandados por dr. Marcondes e foi aquela correria para baixo e para cima, reuniões todo dia, tio Baltazar e meu pai sem tempo nem para comer, telegramas para cá e para lá, caminhões entrando carregados, todo mundo na maior animação.

Anos depois na minha contagem, e apenas vinte e um meses nos assentamentos de tio Baltazar, a fábrica ficou pronta. A inauguração foi o momento mais importante de nossa vida até hoje. Nunca vi tanta alegria concentrada, e acho que nunca mais verei se ficar aqui. Temos uma fotografia grande da inauguração tirada por um fotógrafo da comitiva de dr. Marcondes, todo mundo em pé numa plataforma armada no pátio. Mamãe e tia Dulce estão na primeira fila, as duas de chapéu e luvas, tia Dulce de braço com dr. Marcondes e tio Baltazar, mamãe de braço com a manga vazia de tio Baltazar e comigo. Meu pai ficou no último lugar da ponta direita da fila porque chegou atrasado e não quis desmanchar a arrumação; e mal o fotógrafo bateu a chapa ele saiu correndo para continuar com as providências que faltavam para a festa. Meu pai vivia correndo naqueles dias; se ele soubesse para onde estava correndo, teria moderado o passo.